

PESQUISA SOCIAL

Teoria, método e criatividade

Maria Cecília de Souza
Minayo (organizadora)

Suely Ferreira Deslandes
Bomfim Gomes

EXEMPLAR SEM RASURAS

O último usuário será responsável
em devolvê-lo nas mesmas
condições.

Depois das bem-sucedidas reedições, *Pesquisa social – Teoria, método e criatividade* foi revista e atualizada com o intuito de continuar servindo de referência para os estudantes de graduação na construção de sua monografia e na sua introdução ao campo fascinante da pesquisa social e das abordagens qualitativas. Pela sua linguagem simples e objetiva, esta pequena obra atende aos interesses dos universitários em várias áreas do conhecimento que envolvem a questão social e as indagações de como abordá-la.

www.vozes.com.br

 EDITORA
VOZES

Uma vida pelo bom livro

vendas@vozes.com.br



E 002

 EDITORA
VOZES

COLEÇÃO TEMAS SOCIAIS

Pesquisa social – Teoria, método e criatividade

Maria Cecília de Souza Minayo (org.)

Coragem de educar – Uma proposta de educação popular para o meio rural

Fundep – Fundação de Desenvolvimento, Educação e Pesquisa

Política social do conhecimento – Sobre futuros do combate à pobreza

Pedro Demo

Educação & conhecimento – Relação necessária, insuficiente e controversa

Pedro Demo

Tecnologias do conhecimento – Os desafios da educação

Ladislau Dowbor

Indisciplina escolar: causas e sujeitos

Rosana Aparecida Argento Rebelo

Professor do futuro e reconstrução do conhecimento

Pedro Demo

A insegurança social – O que é ser protegido?

Robert Castel

Éticas multiculturais – Sobre convivência humana possível

Pedro Demo

Formação permanente e tecnologias educacionais

Pedro Demo



Maria Cecília de Souza Minayo (Organizadora)

Suely Ferreira Deslandes

Romeu Gomes

PESQUISA SOCIAL

Teoria, método e criatividade



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Deslandes, Suely Ferreira

Pesquisa social : teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 28. ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2009.

ISBN 978-85-326-1145-1

1. Ciências sociais – Metodologia 2. Ciências sociais – Pesquisa 3. Criatividade I. Gomes, Romeu II. Minayo, Maria Cecília de Souza III. Título.

94-0274

CDD-300.72

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências Sociais : Pesquisa 300.72

 EDITORA
VOZES

Petrópolis

APRESENTAÇÃO

Querido jovem estudante,

Apresentamos a você uma versão revisada do livro *Pesquisa social* em sua 25ª edição. Pela experiência que nós autores tivemos a partir das edições anteriores, ousamos dizer que nosso encontro foi positivo e profícuo. Gostaríamos de continuar esse diálogo com você, fazendo alguns aperfeiçoamentos nesta pequena obra. Esse movimento de aprimoramento deixa claro que, até quando falamos de métodos e regras para a produção científica, existem possibilidades de mudanças: e é nesse sentido e propósito que nos empenhamos na revisão, sem modificar o formato simples e didático de abordar os segredos das formas de pesquisar.

Ressaltamos que *teoria, método e criatividade*, os enunciados que estão no subtítulo do livro, são os três ingredientes ótimos que, bem combinados, produzem conhecimentos e dão continuidade à tarefa dinâmica de descobrir as entranhas do mundo e da sociedade. Deles falaremos oportunamente.

Você verá que este trabalho possui duas tônicas. A primeira parte é mais teórica e abstrata. Introduz você às questões polêmicas do mundo científico e aos conceitos básicos de pesquisa, particularmente da pesquisa social. A segunda parte é mais técnica: ela ensina como fazer. No entanto, está intimamente ligada com o as-

sunto tratado no primeiro capítulo, articulando teoria e prática de pesquisa. Para sermos mais precisos, as orientações começam num movimento de grande abertura colocando você, jovem pesquisador, no universo do debate acadêmico sobre a descoberta científica e, em seguida, focalizam a pesquisa social e todas as estratégias de sua aplicação metodológica.

Dada a peculiaridade dos instrumentos de abordagem qualitativa em pesquisa social, julgamos conveniente nos deter com mais profundidade sobre eles, remetendo o estudo das técnicas de pesquisa quantitativa para outro livro.

Os autores deste estudo somos todos estudiosos e pesquisadores com longa experiência de trabalho em pesquisa. Falamos a partir de nossa própria vivência de produção intelectual e buscaremos compartilhar com você nossas próprias indagações, percursos e descobertas.

Seja bem-vindo a estas páginas. Esperamos seu olhar curioso se encontrando com o nosso e, sobretudo, esperamos suas perguntas e questionamentos. Como muito bem disse o grande filósofo Heidegger, “a pergunta é a devoção do pensamento!”

Os autores

Capítulo 1

O DESAFIO DA PESQUISA SOCIAL

Maria Cecília de Souza Minayo

1. Ciência e cientificidade

Do ponto de vista antropológico, podemos dizer que sempre existiu preocupação do *homo sapiens* com o conhecimento da realidade.

As tribos primitivas, através dos mitos, explicaram e explicam os fenômenos que cercam a vida e a morte, o lugar dos indivíduos na organização social, seus mecanismos de poder, controle e reprodução. Dentro de dimensões históricas imemoriais até nossos dias, as religiões e filosofias têm sido poderosos instrumentos explicativos dos significados da existência individual e coletiva. A poesia e a arte continuam a desvendar lógicas profundas e insuspeitadas do inconsciente coletivo, da vida cotidiana e do destino humano. A ciência é apenas uma forma de expressão dessa busca, não exclusiva, não conclusiva, não definitiva.

Na sociedade ocidental, no entanto, a ciência é a forma hegemônica de construção da realidade, considerada por muitos críticos como um novo mito, por sua pretensão de único promotor e critério de verdade. No entanto, continuamos a fazer perguntas e a buscar soluções. Para problemas essenciais, como a pobreza, a miséria, a fome, a violência, a ciência continua sem respostas e sem

propostas. As explicações históricas da hegemonia da ciência sobre outras formas de conhecimento não cabe aqui aprofundar. Mencionaremos duas razões: a primeira, de ordem externa a ela mesma, está na sua possibilidade de responder a questões técnicas e tecnológicas postas pelo desenvolvimento industrial. A segunda razão, de ordem interna, consiste no fato de os cientistas terem conseguido estabelecer uma linguagem fundamentada em conceitos, métodos e técnicas para compreensão do mundo, das coisas, dos fenômenos, dos processos e das relações. Essa linguagem é utilizada de forma coerente, controlada e instituída por uma comunidade que a controla e administra sua reprodução.

O campo científico, apesar de sua normatividade, é permeado por conflitos e contradições. E para nomear apenas uma das controvérsias que aqui nos interessa, citamos o grande embate sobre cientificidade das ciências sociais, em comparação com as ciências da natureza. Há aqueles que buscam a uniformidade dos procedimentos para compreender o natural e o social como condição para atribuir o estatuto de “ciência” ao campo social. Há os que reivindicam a total diferença e especificidade do campo humano.

Paul de Bruyne et al. (1995) advogam que a ideia da cientificidade comporta, ao mesmo tempo, um polo de unidade e um polo de diversidade. Ou seja, existe possibilidade de encontrarmos semelhanças relativamente profundas em todos os empreendimentos que se instituíram a partir da ideia geral de um conhecimento construído por meio de conceitos, seja de caráter sistemático, seja de caráter exploratório e dinâmico. Essa ideia representa uma tradição geral de autorregulação do processo de construção de conhecimento. Mas, por outro lado, a cientificidade não pode ser reduzida a uma forma determinada de conhecer: ela pré-contém, por assim dizer, diversas maneiras concretas e potenciais de realização.

Tal reflexão se torna particularmente fundamental para nosso objeto de estudo neste pequeno livro, *a pesquisa social*. A interrogação enorme em torno da cientificidade das ciências so-

ciais se desdobre em várias questões. A primeira diz respeito à possibilidade concreta de tratarmos de uma realidade da qual nós próprios, enquanto seres humanos, somos agentes: – essa ordem de conhecimento não escaparia radicalmente a toda possibilidade de objetivação?

Em segundo lugar, será que, buscando a objetivação própria das ciências naturais, não estaríamos descaracterizando o que há de essencial nos fenômenos e processos sociais, ou seja, o profundo sentido dado pela subjetividade?

Por fim, e em terceiro lugar, que método geral nós poderíamos propor para explorar uma realidade tão marcada pela especificidade e pela diferenciação? Como garantir a possibilidade de um acordo fundado numa partilha de princípios e não de procedimentos?

Em resumo, as ciências sociais hoje, como no passado, continuam na pauta de plausibilidade enquanto conhecimento científico. Seu dilema seria seguir os caminhos das ciências estabelecidas e empobrecer seu próprio objeto? Ou encontrar seu núcleo mais profundo, abandonando a ideia de cientificidade?

A situação não é fácil e não é simples. Primeiro porque, se as ciências da natureza são pioneiras e as estrelas da ideia de cientificidade, não está absolutamente atestado que elas já atingiram sua expressão adequada. A física quântica com suas descobertas e as teorias sistêmicas com o aprofundamento das abordagens complexas, dentre outros temas científicos, vêm revolucionando em seu próprio campo as ideias de espaço, de tempo e de relações sujeito-objeto.

A cientificidade, portanto, tem que ser pensada como uma ideia reguladora de alta abstração e não como sinônimo de modelos e normas a serem seguidos. A história da ciência revela não um “a priori”, mas o que foi produzido em determinado momento histórico com toda a relatividade do processo de conhecimento.

Poderíamos dizer, nesse sentido, que o labor científico caminha sempre em duas direções: numa, elabora suas teorias, seus

métodos, seus princípios e estabelece seus resultados; noutra, inventa, ratifica seu caminho, abandona certas vias e encaminha-se para certas direções privilegiadas. E ao fazer tal percurso, os investigadores aceitam os critérios da historicidade, da colaboração e, sobretudo, revestem-se da humildade de quem sabe que qualquer conhecimento é aproximado, é construído.

Ora, se existe uma ideia de devir no conceito de cientificidade, não se pode trabalhar, nas ciências sociais, apenas com a norma da cientificidade já construída. A pesquisa social se faz por aproximação, mas, ao progredir, elabora critérios de orientação cada vez mais precisos. Conforme lembram Bruyne et al. (1995), “na realidade histórica de seu devir, o procedimento científico é, ao mesmo tempo, aquisição de um saber, aperfeiçoamento de uma metodologia, elaboração de uma norma” (p.16). Obviamente isto se faz dentro da especificidade que as ciências sociais representam no campo do conhecimento. Por isso, para falarmos de Ciências Sociais, dentro de sua peculiaridade, retomaremos critérios gerais que a distinguem e que se encontram em autores como Demo (1995) e Minayo (2006) sem, contudo, desvinculá-la dos princípios da cientificidade.

O objeto das Ciências Sociais é *histórico*. Isto significa que cada sociedade humana existe e se constrói num determinado espaço e se organiza de forma particular e diferente de outras. Por sua vez, todas as que vivenciam a mesma época histórica têm alguns traços comuns, dado o fato de que vivemos num mundo marcado pelo influxo das comunicações. Igualmente, as sociedades vivem o presente marcado por seu passado e é com tais determinações que constroem seu futuro, numa dialética constante entre o que está dado e o que será fruto de seu protagonismo. Portanto, a provisoriedade, o dinamismo e a especificidade são características de qualquer questão social. Por isso, também, as crises têm reflexo tanto no seu desenvolvimento como na decadência das teorias sociais que as explicam (pois essas também são históricas).

Como consequência da primeira característica, é importante dizer que o objeto de estudo das ciências sociais possui *consciência histórica*. Noutras palavras, não é apenas o investigador que tem capacidade de dar sentido ao seu trabalho intelectual. Todos os seres humanos, em geral, assim como grupos e sociedades específicas dão significado a suas ações e a suas construções, são capazes de explicitar as intenções de seus atos e projetam e planejam seu futuro, dentro de um nível de racionalidade sempre presente nas ações humanas. O nível de consciência histórica das Ciências Sociais está referido ao nível de consciência histórica da sociedade de seu tempo, embora essas criações humanas não se confundam.

Em terceiro lugar, é preciso ressaltar que nas Ciências Sociais existe uma *identidade entre sujeito e objeto*. A pesquisa nessa área lida com seres humanos que, por razões culturais de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, têm um substrato comum de identidade com o investigador, tornando-os solidariamente imbricados e comprometidos, como lembra Lévy-Strauss (1975): “*Numa ciência, onde o observador é da mesma natureza que o objeto, e o observador é, ele próprio, uma parte de sua observação*” (p.215).

Outro aspecto distintivo das Ciências Sociais é o fato de que ela é *intrínseca e extrinsecamente ideológica*. Na verdade, não existe uma ciência neutra. Toda ciência – embora mais intensamente as Ciências Sociais – passa por interesses e visões de mundo historicamente criadas, embora suas contribuições e seus efeitos teóricos e técnicos ultrapassem as intenções de seus próprios autores. No entanto, as ciências físicas e biológicas participam de forma diferente da ideologia social (por exemplo, na escolha de temas considerados relevantes e noutros que são descartados, na escolha de métodos e técnicas há influências econômicas, culturais etc.), pela natureza mesma do objeto que elas colocam ao investigador. Na investigação social, a relação entre o pesquisador e seu campo de estudos se estabelece definitivamente. A visão de mundo de ambos está implicada em todo o processo de conhecimento,

desde a concepção do objeto aos resultados do trabalho e à sua aplicação. Ou seja, a relação, neste caso, entre conhecimento e interesse deve ser compreendida como critério de realidade e busca de objetivação.

Por fim, é preciso afirmar que o objeto das Ciências Sociais é *essencialmente qualitativo*. A realidade social é a cena e o seio do dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante. Essa mesma realidade é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela. Portanto, os códigos das ciências que por sua natureza são sempre referidos e recortados são incapazes de conter a totalidade da vida social. As Ciências Sociais, no entanto, possuem instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da suntuosidade da existência dos seres humanos em sociedade, ainda que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória. Para isso, elas abordam o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nas representações sociais, nas expressões da subjetividade, nos símbolos e significados.

Este pequeno livro trata do caráter especificamente qualitativo das Ciências Sociais e da metodologia apropriada para reconstruir teoricamente os processos, as relações, os símbolos e os significados da realidade social.

2. Conceito de metodologia de pesquisa

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade). A metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está referida a elas. Dizia Lenin (1965)

que “o método é a alma da teoria” (p.148), distinguindo a forma externalizada com que muitas vezes é abordado o processo de trabalho científico. Esta externalidade se manifesta quando apenas usamos técnicas e instrumentos para chegar ao conhecimento sem entrar no mérito do sentido das indagações ou sem levar em conta os conceitos e hipóteses que as fundamentam. Na verdade a metodologia é muito mais que técnicas. Ela inclui as concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade.

Enquanto abrangência de concepções teóricas de abordagem, a teoria e a metodologia caminham juntas, intrinsecamente inseparáveis. Enquanto conjunto de técnicas, a metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática.

O endeusamento das técnicas produz um formalismo árido ou respostas estereotipadas. Seu desprezo, ao contrário, leva ao empirismo sempre ilusório em suas conclusões, ou a especulações abstratas e estéreis.

Nada substitui, no entanto, a criatividade do pesquisador. Koyserabend, num trabalho denominado *Contra o método* (1989) observa que o progresso da ciência está associado mais à violação das regras do que à sua observância. “Dada uma regra qualquer, por mais fundamental e necessária que se afigure para a ciência, sempre haverá circunstâncias em que se torna conveniente não apenas ignorá-la como adotar a regra oposta” (p.51). Em *Estrutura das revoluções científicas* (1978), Thomas Kuhn reconhece que nos diversos momentos históricos e nos diferentes ramos da ciência há um conjunto de crenças, visões de mundo e de processos de trabalho em pesquisa consagrados, reconhecidos e legitimados pela comunidade científica, configurando o que ele chama de paradigma.

Para Kuhn (1978), no entanto, o progresso da ciência se faz pela quebra dos paradigmas, pela colocação em discussão das teorias e dos métodos, acontecendo assim uma verdadeira revolução.

O método, dizia o historicista Dilthey (1956), é necessário por causa de nossa “mediocridade”. Para sermos mais precisos no sentido dado por esse autor, como não somos gênios, precisamos de parâmetros para caminhar na produção do conhecimento. No entanto e apesar de tudo, a marca da criatividade é nossa “grife” (ou seja, nossa experiência, intuição, capacidade de comunicação e de indagação) em qualquer trabalho de investigação.

Pesquisa

Entendemos por *pesquisa* a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, *nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática*. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção na vida real, nela encontrando suas razões e seus objetivos.

Toda investigação se inicia por uma questão, por um problema, por uma pergunta, por uma dúvida. A resposta a esse movimento do pensamento geralmente se vincula a conhecimentos anteriores ou demanda a criação de novos referenciais.

Teorias

Os conhecimentos que foram construídos cientificamente sobre determinado assunto, por outros estudiosos que o abordaram antes de nós e lançam luz sobre nossa pesquisa, são chamados *teorias*. A palavra *teoria* tem origem no verbo grego *theorein* cujo significado é “ver”. A associação entre “ver” e “saber” é uma das bases da ciência ocidental.

A teoria é construída para explicar ou para compreender um fenômeno, um processo ou um *conjunto* de fenômenos e processos. Este conjunto constitui o *domínio empírico* da teoria (ou seja, a dinâmica da prática que ela explica ou interpreta). A teoria propriamente dita sempre será um conjunto de proposições, um discurso abstrato sobre a realidade. Há grandes teorias – por alguns chamadas de *macroteorias* – que são verdadeiras narrativas ou discursos escritos por cientistas sociais muito importantes, autores de referência, para interpretar a realidade. Com certeza todos já ouviram falar em *positivismo*, *marxismo*, *teoria da ação*, *compreensivismo*. Essas são as principais grandes teorias das ciências sociais. Mas, há também teorias menores que, geralmente sob o guarda-chuva das grandes narrativas, explicam ou interpretam fenômenos específicos, particulares.

Em geral, várias teorias competem entre si para explicar ou para ajudar o pesquisador a compreender determinada questão. Muitas vezes também existem problemas novos para os quais não foram desenvolvidas teorias específicas. Nesse último caso, costumamos falar de *pesquisa exploratória*, na qual o investigador vai propondo um novo discurso interpretativo.

Nenhuma teoria, por mais bem elaborada que seja, dá conta de explicar ou interpretar todos os fenômenos e processos. Por vários motivos. Primeiro porque a realidade não é transparente e é sempre mais rica e mais complexa do que nosso limitado olhar e nosso limitado saber. Segundo, porque a eficácia da prática científica se estabelece, não por perguntar sobre tudo, e, sim, quando recorta determinado aspecto significativo da realidade, o observa, e, a partir dele, busca suas interconexões sistemáticas com o contexto e com a realidade.

Teorias, portanto, são explicações da realidade. Elas cumprem funções muito importantes:

- (a) Colaboram para esclarecer melhor o objeto de investigação.

(b) Ajudam a levantar questões, a focalizar o problema, as perguntas e a estabelecer hipóteses com mais propriedade.

(c) Permitem maior clareza na organização dos dados.

(d) E iluminam a análise dos dados, embora não possam direcionar totalmente essa atividade que deve se beneficiar dos achados empíricos, sob pena de anulação da originalidade propiciada pela pergunta inicial.

Em resumo, uma *teoria* é uma espécie de grade, a partir da qual olhamos e “enquadrados” a interpretação da realidade. Ela é um conhecimento, mas não deve ser uma camisa de força. Ela é feita de um conjunto de *proposições*. Quer dizer, ela é um discurso sistemático que orienta o olhar sobre o problema em pauta, a obtenção de dados e a análise dos mesmos.

Proposições

Proposições são declarações afirmativas, são hipóteses comprovadas sobre fenômenos ou processos sobre os quais interrogamos. As *proposições* que compõem uma teoria devem ter características básicas:

(a) Serem capazes de lançar luz sobre questões reais.

(b) Serem claras e inteligíveis.

(c) Apresentarem com precisão as relações abstratas entre elementos, fatos e processos que buscam explicar ou interpretar.

Ao estabelecer um conjunto de proposições logicamente relacionadas, a teoria constrói um *discurso* com as seguintes características: ordenação do que é principal e do que é derivado ou secundário, apresentação sistemática, organização do pensamento e sua articulação com o real concreto. A proposta de uma *teoria* é ser compreendida pelos membros de uma comunidade acadêmica que tem formação para entender e seguir o raciocínio da reflexão e sua vinculação com o mundo da vida.

Se quisermos, portanto, trilhar a carreira de pesquisador, temos que nos aprofundar nas obras dos diferentes autores que trabalham com os temas que nos preocupam, inclusive, com os que desenvolvem ou abraçam teorias com as quais ideologicamente não concordamos. O bom pesquisador é o que indaga muito, lê com profundidade para entender o pensamento dos autores, que é crítico frente ao que lê, e que elabora sua proposta de pesquisa, informado pelas teorias, mas de forma pessoal e criativa.

Quando investimos na compreensão do campo científico das Ciências Sociais em temas específicos já tratados e questionados por antecessores e contemporâneos, elevamo-nos à categoria de membros dessa comunidade. Assim, teoricamente informados, ombreamos lado a lado com os que estudam questões fundamentais da sociedade humana de nosso tempo. Desta forma, *o domínio de teorias* fundamenta nosso *caminho do pensamento e da prática teórica* além de constituir o plano interpretativo para nossas indagações de pesquisa, seja para desenvolvê-las, respondê-las, ou para, a partir delas, propor um novo discurso. Uma pesquisa sem teoria corre o risco de ser uma simples opinião pessoal sobre a realidade observada.

Conceitos

Os termos mais importantes de um discurso científico são os *conceitos*. Conceitos são vocábulos ou expressões carregados de sentido, em torno dos quais existe muita história e muita ação social. Por exemplo, o conceito de *mudança*: ele não é apenas uma palavra. Nele se concentra muita teoria, muitas representações da realidade, muita posição e muita história. A teoria *positivista* define mudança de um jeito totalmente diferente da teoria *da ação social* ou da teoria *marxista*.

Em seu aspecto cognitivo, o *conceito* é delimitador e focalizador do tema em estudo. Costumamos aconselhar aos que se aventuram a fazer um projeto de pesquisa que, quando formulam um

objeto de estudo, a seguir, conceitue, detalhadamente, cada um dos termos que o compõem. Vamos a um exemplo. Vou estudar o “comportamento dos adolescentes masculinos, futuros pais, quando descobrem que sua namorada ficou grávida”. Este é o objeto. Este é o problema de pesquisa. Conceituá-lo é discutir os seguintes termos: comportamento sexual de adolescentes masculinos; paternidade na adolescência; relações sexuais entre adolescentes; gravidez na adolescência. O pesquisador que assumir tal objeto de pesquisa deve partir para uma busca bibliográfica sobre cada uma das expressões citadas e trabalhá-las historicamente, com as divergências e convergências teóricas, para só depois colocar sua posição e suas hipóteses.

Quando delimitado, todo *conceito* deve ser valorativo, pragmático e comunicativo. *Valorativos*, no sentido de que o pesquisador precisa explicitar a que corrente teórica os conceitos que adotou estão filiados. *Pragmáticos*, no que se refere a sua capacidade de serem operativos para descrever e interpretar a realidade. *Comunicativos*, ou seja, claros, precisos, abrangentes e ao mesmo tempo específicos para serem entendidos pelos interlocutores da pesquisa.

Há vários tipos de conceitos que podem classificar-se em teóricos, de observação direta ou indireta.

- (a) Conceitos teóricos – são os que compõem e estruturam o discurso da pesquisa: eles permanecem no nível da abstração.
- (b) Conceitos de observação direta – são os que definem os termos com os quais o pesquisador trabalha em campo ou nas análises documentais.
- (c) Conceitos de observação indireta – são os que fazem a relação do contexto da pesquisa com os conceitos de observação direta (KAPLAN, 1972).

É muito importante ter em mente que o discurso teórico e conceitual não é um jogo de palavras. Ao contrário, lembram-nos grandes pesquisadores como Malinowski (1984), todo bom pesquisa-

dor prepara antes e muito bem seus instrumentos teóricos para compreender e interpretar a realidade. Essa preparação é imprescindível a qualquer trabalho científico. Embora o mesmo autor adverte, o investigador deve sempre relativizar seus cuidadosos marcos teóricos a favor dos achados que a realidade empírica lhe proporcionar. A capacidade de realizar esse balanço flexível entre a teoria e a realidade é a medida do êxito dos cientistas sociais. Noutras palavras, teorias e conceitos não são camisa de força, são camisa sim, de um tecido que adequa o corpo ao ambiente e protege o pesquisador das intempéries de seus julgamentos solitários, embora valorizando sua contribuição.

3. Pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos. Por isso não existe um *continuum* entre abordagens quantitativas e qualitativas, como muita gente propõe, colocando uma hierarquia em que as pesquisas quantitativas ocupariam um primeiro lugar, sendo “objetivas e científicas”. E as qualitativas ficariam no final da escala, ocupando um lugar auxiliar e exploratório, sendo “subjetivas e impressionistas”.

